

A ESCRAVIDÃO ENTRE OS CELTAS: REFLEXÕES A PARTIR DAS CARTAS DE SÃO PATRÍCIO.

Dominique Vieira Coelho dos Santos¹
srodomeniko@yahoo.com.br

Resumo: Se aceitarmos que pictos, bretões e scotos eram povos celtas e que a Bretanha e a Irlanda do século V depois de Cristo eram habitadas por populações célticas, podemos então falar de escravidão entre os celtas a partir das cartas de São Patrício. Apresentamos neste artigo algumas reflexões sobre esta temática.

Palavras-chave: escravidão, celtas, Irlanda.

Patrício² teve uma experiência direta com a escravidão mesmo quando vivia em um uicus³ de nome Banauem Taburniae, na Bretanha, com seus pais e era um nobre bretão romano. Neste período, ele era dono de escravos. Aos dezesseis anos, ele foi raptado e conduzido à Irlanda onde teve que ser um escravo pastor de ovelhas por mais de seis anos. Suas cartas nos fornecem alguns indícios para refletirmos sobre o fenômeno da escravidão entre os celtas, pois ele viveu entre a Bretanha e a Irlanda celta do século V d.C. Não é freqüente encontrarmos no mundo antigo, um ex-escravo falando de sua escravidão. Assim sendo, Patrício é um dos poucos escritores antigos que nos deixaram relatos que mencionam, por alguém que teve uma experiência direta, este fenômeno. (THOMPSON, 1986: 19).

Segundo Norberto Luiz Guarinello (2006: 228), no que convencionalmente chamamos de mundo antigo, havia uma situação relacional entre escravidão e liberdade. O Império Romano conheceu diversas formas de trabalho compulsório e a escravidão era somente uma dentre estas formas. No entanto, a temática da escravidão estava presente em todas as dimensões do que o autor chama de “tecido social” romano e não somente relacionada ao mundo da produção, do trabalho e dos afazeres domésticos, não exercendo, desta forma, nenhuma influência na esfera política e cultural. Guarinello afirma que a

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás.

² Hoje: São Patrício, padroeiro dos irlandeses.

³ Uicus (plural Uici), em latim significa pequeno vilarejo.

escravidão no mundo romano é um fenômeno de grande plasticidade e para compreendermos melhor a idéia do escravo como uma mercadoria, tendo em vista este contexto, ele introduz, a partir do livro *Slavery and Social Death* de O. Patterson, a noção de “trajetória”. Nestes termos, a escravidão pode ser compreendida como um processo de morte simbólica. O escravizado perde sua identidade original, sua pessoa, para tornar-se quem seu senhor determinar. No entanto, nesse processo, ele não se transforma numa coisa. Pelo contrário, o escravizado é ressocializado dentro da sociedade que o escravizou, seguindo trajetórias determinadas, tanto pelas necessidades do dono, como por sua própria individualidade (GUARINELLO, 2006: 232).

Esta situação de relação e convivência entre escravos e livres também é mencionada por Sandra R. Joshel e Sheila Murnaghan na obra *Womens & Slaves in Greco-Roman Culture*. Não é possível pensar a história romana sem levar em consideração o fenômeno da escravidão. Para compreendermos a organização social do mundo romano, temos que nos atentar para as relações sociais entre livres, escravos e libertos. A identidade do homem romano livre era construída a partir do confronto de seu ideal de liberdade com as várias problemáticas surgidas em torno da questão da escravidão. Vir-a-ser como cidadão livre significava existir em relação ao outro. É em torno deste complexo relacionamento de construção identitária que devemos pensar a realidade social do mundo romano (MURNAGHAN; JOSHEL, 1998).

Patrício diz que foi capturado junto com “milhares de pessoas” na Bretanha Romana e levado para a Irlanda. Segundo nos mostra em sua *Confissão*, estas pessoas foram raptadas, assim como ele, por merecimento devido ao “afastamento” de Deus, por não “guardarem” os seus preceitos e nem serem “obedientes” aos seus sacerdotes (*Confissão*, 1). Como já mencionamos no tópico anterior, uma das grandes dificuldades deste trecho é saber se estas pessoas eram cristãs ou se eram pagãs. No entanto, trata-se de um complicado problema que até hoje ninguém conseguiu solucionar. Para os objetivos deste artigo, é suficiente observar que Patrício, um bretão romanizado, representa em suas cartas a escravidão entre os mares da Bretanha e da Irlanda celta do século V e que a partir destas menções temos uma visão sobre esta questão.

Após narrar o seu rapto, a próxima consideração significativa que Patrício faz sobre o tema da escravidão é quando ele relata sua fuga após ter passado seis anos trabalhando como escravo na Irlanda:

(...) E lá naturalmente uma noite no meu sono eu ouvi uma voz dizendo para mim: “Fazes bem em jejuar, pois brevemente partirás para a tua pátria” e novamente muito pouco tempo depois ouvi uma resposta me dizendo: “Eis que teu navio está pronto” e não era em um lugar perto não, pelo contrário, estava a duzentas milhas de distância onde eu nunca havia estado e não havia ninguém conhecido. Então pouco tempo depois eu me coloquei em fuga e abandonei o homem com quem estivera seis anos e avancei na virtude de Deus, que dirigiu meu caminho para o bem e eu nada temi até que alcancei aquele navio (...) (*Confissão*, 17).

Patrício ao ver o navio, pediu aos homens que o deixassem navegar com eles. O capitão não queria permitir, segundo nos conta Patrício, o seu embarque, mas voltou atrás depois de algum tempo. E, então, comunicaram a ele a decisão sobre sua permanência e que ele poderia ir com eles e “fazer amizade” da forma que desejasse. Em sua Confissão, Patrício diz que neste dia ele se recusou a “sugar as mamas daqueles homens⁴” por temor a Deus. Sobre esta fuga, não temos como saber que tipo de navio era este, o que ele transportava⁵ e nem para onde ia. É aqui que entram inúmeras teorias⁶ e discussões entre autores como: Thompson, Bury, Hanson e outros, que tentam saber se Patrício chegou à Gália, à Bretanha ou a outro lugar após esta viagem.

⁴ Em latim: “Sugere mammellas eorum”. Trata-se de um antigo costume irlandês do período anterior a Patrício. Isso significa admissão e concordância. Verificar J. Ryan, 1938: 293-299 apud: Hanson, 1978: 35). Uma interpretação possível para a negação de Patrício é a de que ele não concordou com este costume por estar em desacordo com as crenças pagãs daqueles homens. Patrício tinha o propósito de mostrar novos hábitos concernentes com a nova fé cristã. Logo depois deste episódio Patrício diz: “esperava que eles viessem a ter fé em Jesus Cristo, porque eram gentios” (*Confissão*: 17).

⁵ Thomas Cahil afirma que os tripulantes do barco transportavam uma carga de cães irlandeses, para venda no continente europeu, onde eram muito valorizados (Cahil, 1999:119). Excetuando-se este autor, não encontramos esta informação em qualquer outro lugar e muito menos Patrício fala sobre isso em suas cartas em qualquer ponto que seja.

⁶ Quem se interessar por estas teorias pode consultar as obras dos autores em questão. Elas são mencionadas em nossa bibliografia.

Patrício foi escravo na Irlanda uma segunda vez. Segundo nos conta, ele teria ficado lá por dois meses. Depois disso, ele estaria com seus familiares na Bretanha. Patrício nos descreve isso da seguinte maneira:

“E mais uma vez, anos mais tarde fui feito cativo pela segunda vez. Na primeira noite, eu permaneci com eles. Ouvi, então, uma voz divina me dizendo: você permanecerá dois meses com eles e assim aconteceu: na sexagésima noite o meu Senhor me libertou das mãos deles” (...) “e depois de uns poucos anos eu estava de novo na Bretanha com meus pais, que me acolheram como um filho e rogaram-me intensamente que eu, após ter passado por tantas tribulações que nunca partisse para longe deles”. (Confissão: 21, 23)

A vida de Coroticus pode ser relacionada com estas discussões sobre escravidão. Pelo que podemos perceber na carta destinada a ser lida em sua presença, tratava-se de um bretão, chefe de soldados. Este personagem é descrito por Patrício como um assassino, pelo fato de raptar cristãos na costa irlandesa. Podemos notar que uma das fontes de renda de Coroticus era o lucro que tinha com a venda de escravos. Patrício reclama que os cristãos que foram “gerados para Deus” e “confirmados em Cristo” estavam sendo perseguidos e até assassinados por Coroticus. No entanto, por meio de suas menções, podemos ver que não somente os cristãos eram perseguidos. Assim como Patrício foi raptado do lado bretão, estas pessoas eram constantemente levadas à venda nos mercados de escravos também do lado irlandês. Não se fazia distinção por credo religioso, até porque os irlandeses eram considerados “bárbaros”, logo isso não fazia a menor diferença. Patrício lamenta em sua carta o fato de que estes cristãos fossem vendidos aos Pictos, povo que ele considerava “indigno”, “apóstata” e “abominável” (*Carta*: 16). Pelo menos segundo os escritos de Patrício, Coroticus e seus soldados “vivem” da rapina, o que sugere que isso era uma prática comum neste período (HANSON: 1968). Patrício, faz uma reclamação a Coroticus acompanhada de uma ameaça. Vejamos o trecho:

“Este é o costume dos cristãos Galo-Romanos: Enviaem homens santos e idôneos aos Francos e outros povos com milhares de Solidi⁷ para resgatar os batizados cativos. Você prefere matar e vendê-los a povos estrangeiros que não conhecem a Deus. Engana os membros de Cristo como se estivessem em um lupanar. Que esperança tens em Deus, ou quem pensa como você ou conversa com você com palavras de bajulação? Deus julgará. Pois as escrituras dizem: Serão condenados não somente aqueles que fazem o mal, mas também aqueles que consentem com ele” (Carta: 14).

Segundo pudemos acompanhar no versículo acima, Patrício se mostra descontente porque Coroticus não aceita, como fazem os francos com os cristãos galo-romanos, que os raptados sejam resgatados com dinheiro. Patrício afirma que Coroticus prefere vendê-los para povos estrangeiros que não conhecem a Deus. Neste caso, ele está se referindo aos pictos, povo que habitava a região da atual Escócia. Como dissemos mais acima, isso parecia ser uma prática comum neste período da história irlandesa.

Segundo Guarinello, a escravidão no mundo romano era uma prática comum, era um fato normal da vida. A escravidão, a posse do corpo de outra pessoa e os castigos corporais como pena para as leis infringidas eram fatos que ninguém discutia. Ser escravo era apenas uma circunstância da vida, uma posição específica dentro da sociedade e não uma anomalia. Não havia uma separação nítida entre o mundo escravo e o mundo livre. As pessoas escravizadas e as livres conviviam lado a lado, exerciam ofícios semelhantes, compartilhavam desejos, reivindicações, teciam redes de vizinhança e amizade (GUARINELLO: 2006, 235).

Podemos observar em Patrício um posicionamento que vai ao encontro destas explicações fornecidas por Guarinello, pois, em momento algum ele se coloca contra a escravidão ou do sistema de compra e venda de escravos. Quando ele foi raptado ele diz apenas que “mereceu” isso e quando não resistiu mais à escravidão e aos trabalhos que lhe eram impostos, fugiu. Em momento algum, Patrício se refere a esta questão do mercado de escravos como sendo deplorável, vil, etc. Não lhe ocorre a idéia de que esta estrutura social

⁷ Solidus (i) é uma moeda de ouro que começou a ser fabricada no ano 309 por Constantino, o grande (306-337).

poderia mudar ou que a escravidão deveria ser abolida. Assim, Patrício não é diferente de outros escritores cristãos do mundo antigo, ou seja, ele não levantou questão alguma que apresentasse objeções ao sistema da escravidão.

Patrício, apesar de ser o padroeiro dos irlandeses, era um bretão. Por tudo que expusemos nesta discussão, consideramos que podemos falar de escravidão entre os celtas a partir de suas cartas. No momento, não temos muitos documentos que nos permitam trazer mais elucidações sobre este tema. Todavia, podemos afirmar que as práticas de rapto e escravidão entre os mares da Bretanha e da Irlanda no século V eram corriqueiras. É plausível inferir que Patrício não foi o primeiro e muito menos o último a conviver com este tipo de situação. Segundo podemos observar em seus escritos, tanto bretões de um lado; quanto pictos e scotos de outro, estavam envolvidos nestas questões. Se estes povos eram celtas ou entre eles havia populações célticas por volta do século V da era cristã, então podemos ver nas cartas de Patrício alguns indícios, que devem ser analisados de forma mais sistemática e elaborada, sobre a escravidão entre os celtas.

Referências bibliográficas

Documentos textuais:

SAINT PATRICK, *Confession et Lettre a Coroticus*. Traduit par HANSON, R.P.C. Paris: Du Cerf, 1978.

MUÍRCHÚ. Vita Patricii. In: GASPARRI, Stefano; SIMONI, Fiorella. Sansone: Firenze, 1992. [<http://www.storia.unive.it/RM/didattica/Did-Fonti.htm>]. Acesso em 02 de Março de 2008.

Obras gerais:

BROWN, Peter. *A ascensão do cristianismo no ocidente*. Lisboa: Presença, 1999.

_____. *El primer milenio de la cristandad occidental*. Barcelona: Crítica, 1997.

- _____. *Power and Persuasion in Late Antiquity: Towards a Christian Empire*. EUA: The University of Wisconsin Press, 1992.
- BURY, J.B. *The Life of St. Patrick and his place in History*. New York: BMC, 1905.
- CAHILL, Thomas. *Como os irlandeses salvaram a civilização*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- CAMERON, Averil. *The later Roman Empire*. Londres: Fontana Press, 1993.
- CASSIN, Bárbara; LORAUX, Nicole; PESCHANSKI, Catherine. *Gregos, bárbaros, estrangeiros: A cidade e seus outros*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- CHARLES-EDWARDS, T.M. *Early Irish Law: Learned professions; druidi, fili, and brithem*. In: Ó CRÓINÍN, Dáibhi. *A New history of Ireland: Prehistoric and Early Ireland*. New York: Oxford University Press, 2005, p 350.
- _____. *Early Irish Law: Written law- The influence of Latim*. In: Ó CRÓINÍN, Dáibhi. *A New history of Ireland: Prehistoric and Early Ireland*. New York: Oxford University Press, 2005, p 356.
- COX, Patrícia. *Biography in Late Antiquity: A quest for the Holy Man*. Berkeley: University of California Press, 1983.
- FALCON, Francisco J. Calazans. *História e Representação*. In: *Representações - Contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000, p 41-63.
- FREEMAN, Philip. *ST. Patrick of Ireland*. New York: Simon & Schuster, 2004.
- GREEN, Miranda J. *The Celtic World*. Londres: Routledge, 1996.
- GUARINELLO, N. L. . Escravos sem senhores: escravidão, trabalho e poder no Mundo Romano. *Revista Brasileira de História*, v. 26, p. 227-248, 2006.
- GUERRAS, Maria Sonsoles. *Os povos bárbaros*. São Paulo: Ática, 1987.
- HALL, Stuart. "Quem precisa de Identidade?". In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Vozes: 2000. p. 103-133.
- HANSON, R.P.C. *Confession et Lettre a Coroticus*. Paris: DU Cerf, 1978.
- _____. *Saint Patrick: His Origins and Career*. Londres: Clarendon Press, 1968.
- HARRINGTON, Christina. *Women in a Celtic Church: Ireland 450-1150*. New York: Oxford University Press, 2002.

HUGHES, Kathleen. *The Church in Irish society, 400-800*. In: Ó CRÓINÍN, Dáibhi. *A New history of Ireland: Prehistoric and Early Ireland*. New York: Oxford University Press, 2005, p 301-329.

KRUTA, Venceslas. *Os Celtas*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

LE ROUX, Françoise; GUYONVARC'H, Christian-J. *A civilização Celta*. Lisboa: Europa-América, 1999.

_____. *A Sociedade Celta*. Lisboa: Europa-América, 1995.

MACMULLEN, Ramsay. *Christianizing the Roman Empire*. Londres: Yale Press, 1984.

Ó CRÓINÍN, Dáibhi. *Hiberno-Latin Literature to 1169: Christianity and the introduction of latin* In: _____. *A New history of Ireland: Prehistoric and Early Ireland*. New York: Oxford University Press, 2005, p 371-372.

_____. *Ireland, 400-800* In: Ó CRÓINÍN, Dáibhi. *A New history of Ireland: Prehistoric and Early Ireland*. New York: Oxford University Press, 2005, p 182-234.

O'MATHÚNA, Dónal P. *Saint Patrick: His Life and Beliefs at Ashland Theological Seminary*. Ohio: Ashland, 1992.

PAOR, Liam de. *Saint Parick's World*. Indiana: University of Notre Dame Press, 1993.

RAFTERY, Barry. *Ireland: a world without the Romans*. In: GREEN, Miranda J. *The Celtic World*. Londres: Routledge, 1996. p 636-653.

MURNAGHAN, Sheila; JOSHEL, Sandra R. (ed.), *Women and Slaves in Greco-Roman Culture: Differential Equations*. Routledge: London and New York, 1998.

THOMPSON, E.A. *Who was Saint Patrick?* New York: St. Martin's Press, 1986.